



PORQUE ACREDITAMOS NA MULHER COMO  
FUNDAÇÃO IMBALÁVEL DO ESTADO



# A MULHER ANGOLANA

Sobre a mulher, acreditamos que chegou a hora de assumir que nós em Africa ainda temos tradições que não beneficiam as mulheres. Acreditamos que já é hora de reconhecermos que em todos estes séculos a praticar tal tradição, os países não desenvolveram e continuamos na miséria e a ser chamado submundo.



O MUN acredita que algumas tradições contra a sensibilidade da mulher deveriam ser banidas e emancipar a mulher na nossa sociedade porque até já temos prova de que quando uma mulher está decidida ela pode fazer melhor; Nzinga Mbande e Kimpa Vita foram mulheres corajosas que mostraram estes dotes sem falarmos de outras mulheres a volta do Mundo, tais como: Jane d’Arc, Margaret Thatcher, Indira Gandhi, Amina, Cleópatra, Catherine de Medici, Nefertiti, Liliuokalani, Catherine the Great, Victoria e muitas outras.

A emancipação da mulher não deve ser vista no facto de uma ou



duas mulheres estarem a trabalhar ou a dirigir um Ministério do Estado ou algumas serem advogadas, juristas, médicas, doutoras e jornalistas porque nem todas as mulheres devem ser consideradas por causa deste facto, como nem todos os homens têm a possibilidade de trabalhar no Governo.

A realidade é que a evolução da mulher deve ser vista no geral, começando com o dia-a-dia da mulher, regular desde o seu

crescimento em casa dos pais, na escola, no casamento, nas oportunidades, no emprego, enfim, em todos os campos da sociedade a mulher deve participar com as suas contribuições e presenças, pois não há trabalho que a mulher não possa fazer desde o escritório até as máquinas.



O MUN estabeleceu um magno projecto para a mulher “A rosa de aço”. A mulher deve ser impulsionada a conduzir camiões, a trabalhar no caminho-de-ferro, a ser militar inquebrantável, a ser dona de casa, a ser independente e ganhar o seu próprio dinheiro, a ser mãe, engenheira, pedreira,

mecânica, polícia, modelo, educadora, médica ou doutora, jurista e aquelas que não tiverem as habilidades de funcionarem para alto nível devem sentir-se protegidas pelo Estado e oferecer-lhes as

oportunidades de igualdade sem o espírito africano de machismo como bater na mulher, ser considerada inferior, fraca, objecto de reprodução.



A mulher que o MUN preconiza, não deve ser mais aquela que sai de manhã à procura do pão na rua enquanto os homens sentam. É aqui onde todas as mulheres deveriam optar em aderir e

tornar não só o sonho individual em realidade, mas sim tornar o sonho de estabelecer uma sociedade de igualdade desenvolvida na nossa PÁTRIA.

